

Previsão para este ano: 600 milhões de pares exportados.

Crise é uma palavra ainda hoje pouco pronunciada no Vale do Rio dos Sinos, a 34 quilômetros de Porto Alegre. Nem mesmo as periódicas ameaças de restrição de importações, pelo governo norte-americano, mudam este clima. Há boas razões para isso. Uma delas é que, até o final do ano, o Brasil terá vendido 600 milhões de pares de calçados para os mercados dos Estados Unidos e da Europa, 10% acima de 1988. "Temos 45% da produção brasileira", nota Ênio Schein, diretor da Paquetá, empresa que produz 25 mil pares por dia.

De certa forma, a região gravita em torno de Novo Hamburgo, 250 mil habitantes, que nutrida pela riqueza gerada na exportação praticamente ignora a questão do desemprego e se dedica a investir, por exemplo, na construção civil.

"No ano passado, tínhamos 90 edifícios de apartamentos em construção. Hoje possuímos 120", compara o prefeito Paulo Ritzel, do PMDB. Ritzel, 37 anos, enfileira realizações: Novo Hamburgo tem trezentas viaturas públicas, um parque de máquinas maior que o da prefeitura de Porto Alegre e 70% de suas ruas pavimentadas.

Ele se orgulha ainda de reajustar seus funcionários seguindo os índices do Dieese. "Isto faz com que meu motorista receba cerca de NCz\$ 1 mil mensais". Acen-tua. Com um orçamento de US\$ 38 milhões para este ano, Novo Hamburgo distan-

cia-se dos demais municípios do Estado.

Em 1980, enquanto a renda *per capita* do Rio Grande do Sul era de US\$ 1.704, a de Novo Hamburgo era de 2.613. Hoje, quando este índice aponta US\$ 3.050 para o Estado, estima-se que Novo Hamburgo tenha, no mínimo, mantido a vantagem, o que a situaria perto dos US\$ 5.000, o dobro da renda *per capita* do Brasil. Há quem diga inclusive que a prática do subfaturamento nas exportações (são oito municípios, aproximadamente 700 mil habitantes e 4.700 indústrias diversas — além de Novo Hamburgo, inclui Campo Bom, São Leopoldo, Dois Irmãos, Ivoti, Sapiranga, Estância Velha e Portão) jogaria o faturamento do Vale para mais 50%, alimentando uma economia subterrânea. "É uma falácia", rechaça Schein, argumentando que existe uma redução de "apenas 6 ou 7% no valor das faturas". Para ele "o fundamental aqui é trabalho". Schein acrescenta que, "se o governo federal deixar", a região ganhará ainda mais, capturando um mercado de 400 milhões de pares que, aos poucos, está sendo abandonado nos Estados Unidos pelos exportadores de Taiwan.1

"Administrar um município como este é uma tranquilidade", testemunha Giovanni Feltes, 32 anos, prefeito peemedebista de Campo Bom, 60 mil habitantes, sede da maior indústria de calçados do País, a Reichert. Feltes afiança que, se mil operários chegassem à sua cidade, o mercado de trabalho local os absorveria instanta-

neamente. "Nosso problema não é emprego, é habitação", diz. Com somente 60 quilômetros quadrados. Campo Bom não tem onde abrigar seus trabalhadores. "O metro quadrado aqui custa NCz\$ 270. É muito, para um operário". Queixa-se. Em 1980, Campo Bom exibia uma renda *per capita* de US\$ 2.850, US\$ 287 acima da rica e vizinha Novo Hamburgo, vantagem que Ritzel admite continuar existindo hoje.

Habitação é uma dor de cabeça que Feltes partilha com seu colega Ritzel. Em treze anos, Campo Bom triplicou sua população. Na maioria com trabalhadores do campo tentando participar da fartura do Vale. Fenômeno parecido ocorreu em Novo Hamburgo e no resto da região. A cidade de Ritzel, por exemplo, possui mais de 30 mil pessoas vivendo em sub-habitações, número que pode subir para 100 mil, somando-se os demais sete municípios. Esta população tem ajudado a agravar os índices de criminalidade que, em todo caso, são inferiores aos da confreguê Canoas, por exemplo. Apenas uma delegacia, das cinco de Canoas, registrou 64 assaltos à mão armada no mês passado, número pouco abaixo dos 70 que Campo Bom constatou ao longo de 1988. Outro problema é a poluição do Rio dos Sinos, no qual são despejadas diariamente toneladas de resíduos químicos dos curtimes às suas margens, além de todo o esgoto doméstico das grandes cidades, transformando-o no mais contaminado do Rio Grande do Sul.

